

## O populismo de extrema direita terá vida longa entre nós?<sup>1</sup>

Elimar Pinheiro do Nascimento<sup>2</sup>

**Resumo:** O livro de Roger Eatwel e Matthew Goodwin (2018) apresenta algumas teses que merecem ser investigadas. São elas: a) o novo populismo de direita no mundo tem suas raízes no final do século passado; b) e possuem um potencial de longo prazo. No caso do Brasil, o novo populismo emergiu nas manifestações de 2013/2014 contra a corrupção e galgou o poder rapidamente em 2018. A questão é saber se também tem potencial de permanência.

**Palavras-Chave:** Novo Populismo; extrema direita; crise da democracia; bolsonarismo;

**Abstract:** The book by Roger Eatwel and Matthew Goodwin (2018) presents some theses that deserve to be investigated. They are: a) the new right-wing populism in the world has its roots at the end of the last century; b) and have long-term potential. In the case of Brazil, the new populism emerged in the 2013/2014 demonstrations against corruption and quickly gained power in 2018. The question is whether it also has the potential to stay.

**Keywords:** New populism; far right; democracy crisis; bolsonarism;

### O novo populismo

A editora Record traduziu e publicou em 2020 o livro dos professores britânicos de política Roger Eatwell, da Universidade de Bath, e Matthew Goodwin, da Universidade de Kent: *Nacional-populismo. A revolta contra a democracia liberal, publicado originalmente (National Populism) em 2018*. Não foi um livro muito comentado, nem de grande repercussão, provavelmente por causa das teses que defende, pouco aceitáveis por parte dos democratas liberais.

---

<sup>1</sup> Sob o título – O populismo de extrema direita será longo entre nós – este artigo foi inicialmente publicado na revista *Será?* Penso, logo duvido. Aqui ele é retomado de forma mais ampla.

<sup>2</sup> Sociólogo, professor nos programas de Pós-Graduação do Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília (PPGCDS/UnB) e do Centro de Ciências Ambientais e Sustentabilidade da Amazônia da Universidade Federal da Amazônia (PPGCASA/UFAM).

A primeira tese dos autores é menos assustadora para os democratas liberais, e mais sofisticada. Os autores defendem que a ascensão do nacional-populismo, como eles denominam as novas expressões da extrema-direita, não resulta da crise de 2008/2009, mas tem suas raízes no final do século passado, portanto, a mais de um quarto de século. Para os professores ingleses o nacional-populismo é a expressão de “quatro mudanças sociais profundamente enraizadas”. A mutação original, que adveio da democracia liberal, versa sobre a desconfiança de grandes segmentos da população em relação aos políticos e às instituições democráticas. Isso seria se de esperar, na medida em que a democracia liberal sempre buscou minimizar a participação social. A segunda mudança aborda o mal-estar com a imigração e com as ameaças de mudanças étnicas, sobretudo entre as populações europeias e norte-americanas estabelecidas. Em continuidade, a terceira sucedeu devido a globalização, visto que o mundo globalizado criou uma profunda desigualdade social e regional inter e intra países, provocando o que os psicólogos denominam de sentimento de *privação relativa*, ou seja, determinados grupos sociais sentem que estão perdendo posições para outros grupos. Nesse quesito, observa-se que o sentimento de inferioridade advém de uma sensação de serem esquecidos pelo progresso econômico, mesmo entre aqueles que têm emprego e diploma. Por fim, a quarta mudança social, segundo os autores, trata do crescente desalinhamento entre partidos e massas, eleitos e eleitores, representantes e representados. Isso torna os sistemas partidários mais voláteis, fragmentados e imprevisíveis. Enfim, trata-se da crise de representatividade que o cientista norte-americano, originário da Polônia, Adam Przeworski, analisa em seu livro mais recente, a respeito das crises na democracia contemporânea (2020).

Os autores Eatwell e Goodwin previnem aos mais apressados que nenhuma dessas mudanças explica isoladamente o fenômeno da ascensão do nacional-populismo. Eles argumentam que levar em conta essas mudanças em conjunto promove uma compreensão muito distinta, e melhor, do que as explicações que se prendem aos fatos imediatos e circunstanciais. Exasperam-se, os autores, com as ilações de jornalistas e cientistas políticos sobre eventos imediatos e circunstanciais como causas do novo populismo.

A segunda tese, porém, não agrada aos democratas liberais. Nela, os professores britânicos de política supracitados, afirmam que “o nacional-populismo possui um sério potencial de longo prazo”. Em outras palavras, conforme os autores, não estamos assistindo ao fim de uma era, mas ao começo de uma nova era, a era do nacional-populismo, que é a “expressão de uma revolta permanente contra a política e os valores liberais convencionais”. Essa tese lembra o livro de Pierre Rosanvallon (2021), pois contém similitudes e diferenças com a obra dos cientistas políticos ingleses. Ambos consideram o populismo como a política

do século XXI, uma proposição de resposta aos problemas contemporâneos. Porém, a diferença dos nossos autores, Rosanvallon compreende o populismo como a expressão da maior ameaça que a democracia conheceu desde a Segunda Guerra Mundial.,

A visão dos autores ingleses sobre o nacional-populismo é muito distinta da de autores mais conhecidos como Steven Levitsky e Daniel Ziblato (2018) e Manuel Castells (2018), que consideram o populismo atual, a semelhança de Rosanvallon, uma séria ameaça às democracias liberais. Eles mostram como as democracias são corroídas por dentro. Por meio de processos “legais”, pois aprovados pelos Legislativos e validados pelos Tribunais, as forças populistas intimidam ou compram a imprensa, refazem as Constituições, enfraquecem as salvaguardas institucionais da democracia, inclusive serviços de inteligência, organismos de controle e fiscalização e comissões de ética. Por isso, desde o final da Guerra Fria, a maior parte dos colapsos democráticos não foram resultado de golpe militar, não foram causados por generais e soldados, mas pelos governos eleitos. Com novas regras eleitorais os líderes populistas se reproduzem no poder e mobilizam as populações na criação da “democracia iliberal”, como diz um destes líderes. A visão dos autores ingleses diverge também de outras visões, menos conhecidas, porém peremptórias na condenação do novo populismo, como a de Giuliano Da Empoli (2020), que analisa as intervenções das mídias nos processos eleitorais nos Estados Unidos, Itália e Reino Unido, entre outros. Na interpretação de Da Empoli, o jogo político hoje se faz de forma diferente, em que os novos meios de comunicação (as mídias sociais) jogam um papel central. Por isso, ele conclui que os assessores eleitorais mais importantes de hoje não são os cientistas políticos, mas físicos e engenheiros que trabalham com a comunicação digital, produzindo mensagens personalizadas e fake News diferenciados segundo o público alvo, alimentando o medo, a raiva e o ódio que segmentos sociais têm de determinados grupos políticos, normalmente denominados de elites. Com isso, distorcem os resultados das eleições.

A visão do populismo atual de Eatwell e Goodwin difere igualmente das análises que Benjamin Teitelbaum (2020) constrói decifrando as ações de grupos tradicionalistas de extrema direita nos Estados Unidos e na Europa, que influenciam (fazem a cabeça) líderes populistas como Trump nos Estados Unidos e Putin na Rússia. Todos condenam veementemente o novo populismo, o que Eatwell e Goodwin não o fazem.

Contudo, os autores do *Nacional-populismo* não estão sós. Simon Tormey (2019) e Chantal Mouffe (2019) entre outros, partilham da ideia de que o populismo é uma revolta contra os malefícios que a democracia liberal provocou nos países desenvolvidos, e que têm pontos positivos. Esses autores veem no populismo contemporâneo um movimento que pode arejar a velha democracia liberal, aproximando o povo das instituições democráticas, que necessitam

de renovação. Embora Mouffe vise em suas análises e proposições levar ao poder um populismo de esquerda, mas comprometido com a melhoria das condições de vida das populações mais carentes, buscando torná-los protagonistas no lugar das elites atualmente no poder nas democracias liberais.

Yascha Mounk (2019) tem uma posição um pouco mais complexa. Ressalta, simultaneamente, o caráter de reação contrária aos desmantelos das elites políticas no poder nas democracias liberais, por parte do populismo, portanto benéficas, mas sinaliza, ao mesmo tempo, que estes tendem a enterrar os novos valores liberais construídos ao longo dos últimos dois séculos e meio. Este cientista político germano-americano não sabe se o populismo veio para ficar longo tempo entre nós, ou se é uma tempestade que em breve nos lembraremos como um pequeno pesadelo que passou. Partilha de ideia próxima o livro de Gouvêa e Castelo Branco (2020), enfatizando, em particular, o caráter plural e diverso do populismo, e sua distinção dos regimes autoritários, aos quais o populismo pode eventualmente se transformar.

Além dos prós e contras, a literatura recente sobre o novo populismo de direita pode, de forma um pouco simplória, se dividir em duas vertentes: (i) aquela que define o novo populismo como uma expressão política passageira e condenada a desaparecer, porque suas bases sociais são formadas por grupos sociais minoritários e declinantes<sup>3</sup>; (ii) e a que defende a tese de que as mudanças sociais em curso devem persistir por algumas décadas, porque suas bases estruturais são vigorosas, como Roger Eatwell e Matthew Goodwin afirmam, dando uma larga vida ao populismo, sobretudo de extrema direita.

Quem tem razão? Só o tempo dirá.

Uma coisa é certa, o populismo já convive conosco no Ocidente há mais de um quarto de século, com feições diferenciadas, mais extremas ou menos extremas, dependendo do lugar e do momento, podendo ser de esquerda (Venezuela) ou de direita (Hungria). Nesse período seu movimento tem sido errático: ascendendo aqui (Itália, Índia), descendendo acolá (Estados Unidos), e vice-versa. Assumiu, de fato, o poder em cinco países, porém eles têm pouca tradição democrática: Polônia, Hungria e Turquia, Índia e Filipinas. Sua ascensão na Itália ou nos países escandinavos é muito recente e não se pode dizer ainda que esses países caminhem para um regime autoritário. Em outros países desenvolvidos, como Áustria e Holanda, eles ascenderam ao poder, mas caíram logo em seguida. Em outros, como França, Alemanha e Bélgica, o novo

---

<sup>3</sup> Trata-se de idosos, trabalhadores manuais, pequenos centros urbanos e “brancos sem diploma”. No caso dos Estados Unidos, esses grupos não são nem declinantes, nem minoritários; do ponto de vista da humanidade, os idosos não são nada declinantes, bem ao contrário.

populismo é relevante, mas secundário, porque nunca chegou ao poder. Em vários países, como Alemanha, França e Reino Unido, recentemente, o populismo perdeu força.

No caso do Brasil, onde o novo populismo emergiu nas manifestações de 2013/2014 contra a corrupção e galgou o poder rapidamente em 2018, ele sofreu uma derrota eleitoral logo em 2022, apesar do crescimento no Legislativo. Contudo, não se pode dizer que tenda a desaparecer. Afinal, seu líder, o capitão Jair Bolsonaro, teve 58 milhões de votos, e alguns de seus adeptos, até o momento em que escrevo estas notas (30/11), acampam em frente a quartéis, em particular o quartel general do Exército (QGEx), em Brasília. Suas vertentes internas se debatem: a ideológica insistindo sobre a falsidade das eleições e demandando uma intervenção das Forças Armadas, e a vertente política, negociando a transição e se preparando para, na oposição, solapar o novo governo, que terá imensas dificuldades para responder as demandas de seus eleitores em uma situação econômica precária, finanças públicas debilitadas, aparelho do estado deteriorado e um parlamento majoritariamente conservador. A vertente política luta para conservar e ampliar sua base de apoio e assim voltar ao poder com mais força, e provavelmente sob outra direção que não o débil capitão.

Outrossim, as razões que explicam a ascensão do populismo de extrema direita na Europa não se aplicam ao Brasil. Não temos o problema da migração; nem nunca tivemos partidos sólidos e enraizados na sociedade; desigualdade não é novidade, é estrutural, habita o Brasil desde sua criação como nação, ao inverso dos países desenvolvidos da Europa. Por outro lado, o globalismo não é nosso inimigo, pois com a globalização ampliamos nossas exportações, fortalecemos nossa agricultura e nossa inserção no mundo.

De toda forma, não sabemos do futuro do movimento bolsonarista. Ele pode se enfraquecer ou mesmo crescer. Tudo depende da conformação política do próximo governo, de suas políticas e iniciativas. Estas serão eficientes se compreendermos a natureza da base social do bolsonarismo. Uma base eclética, composta de um amálgama de grupos sociais os mais diversos, formada por pobres e ricos, cristãos das igrejas evangélicas e empresários do agronegócio. O bolsonarismo demonstrou ter raízes profundas nas classes médias; reúne grupos contraditórios, desde os defensores do retorno da ditadura militar aos defensores do capitalismo liberal; inclui grupos conservadores, que defendem costumes tradicionais, e armamentistas que defendem um individualismo radical. Ante o panorama sociopolítico brasileiro, é preciso contabilizar também aqueles que votaram no bolsonarismo por ódio ao PT ou por motivação

bem mais pragmática, na esteira dos bilhões de reais que foram gastos para ampliar os eleitores do Bolsonaro. Diga-se de passagem, dinheiro público.<sup>4</sup>

Assim, o montante de votos que ganhou a extrema direita não representa necessariamente seus adeptos. Uma direita conservadora, porém menos autoritária, se organiza para assumir a direção da oposição mais consequente do novo governo. E um centro democrático, que não conseguiu se exprimir em meio a extrema polarização eleitoral, respira e tenta se organizar para se constituir como uma alternativa aos populismos direita (bolsonaristas) e de esquerda (parte dos petistas).

O mais relevante e urgente no momento é assegurar que o próximo governo tome posse e possa se constituir de forma a assegurar o jogo democrático. Hoje é o que os amantes da democracia mais desejam.

As ciências sociais, à vista disso, têm um grande desafio pela frente: decifrar as motivações dos segmentos humanos que participam das bases sociais do bolsonarismo, as razões de sua identidade com uma figura aparentemente tão medíocre, por vezes levemente definidas como neofascistas. O que sabemos com certeza, hoje, é que elas são bem mais do que isso. E, diga-se de passagem, já há vários pesquisadores debruçados sobre estas questões. Sua compreensão, por si só, evidentemente, não irá desmontar o bolsonarismo, mas será uma contribuição relevante para permitir a formulação de estratégias de enfrentamento eficientes, para assegurar a vigência da democracia entre nós.

## **Referências**

CASTELLS, Manuel. **Ruptura**. A crise da democracia liberal. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

EMPOLI, Giuliano da. **Os engenheiros do caos**. Como as Fake News, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e para influenciar eleições. São Paulo: Vestígio, 2020.

EATWELL, Roger; GOODWIN, Matthew Goodwin. **Nacional-populismo**. A revolta contra a democracia liberal. São Paulo: Record, 2020.

GOUVÊA, Carina Barbosa; CASTELO BRANCO, Pedro H. Vilas Boas. **Populismos**. Belo Horizonte: Casa do Direito, 2020.

LEVITSKY, Steven; ZIBLAT, Daniel. **Como as democracias morrem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018

---

<sup>4</sup> Ver a respeito. Elimar Nascimento. Reatar os laços In *Será?* 4.11/2022. <https://revistasera.info/author/elimar/>

MOUFFE, Chantal Mouffe. **Por um populismo de esquerda.** São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

MOUNK, Yascha. **O povo contra a democracia.** Porque nossa liberdade corre perigo e como salvá-la. São Paulo: Cia das Letras, 2019.

PRZEWORSKI, Adam. **Crises da democracia.** Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

ROSANVALON, Pierre. **O século do populismo.** História, teoria, crítica. Rio de Janeiro: Ateliê de Humanidades, 2021.

TEITELBAUM, Benjamin R. **Guerra pela eternidade.** O retorno do tradicionalismo e a ascensão da direita populista. *São Paulo:* Editora da Unicamp, 2020.

TORMEY, Simon Tormey. **Populismo.** Uma breve introdução. São Paulo: Cultrix, 2019.